

BLADE RUNNER E OS OUTSIDERS: REPRESENTAÇÕES DO DESVIO NO CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Pedro Felipe Leite Carcereri

Mestrando em Artes, Cultura e Linguagens

Instituto de Artes e Design

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Analisando a teoria dos Outsiders abordada pelo sociólogo Howard Becker através de seu livro Outsiders – estudos da sociologia do desvio e do também sociólogo Norbert Elias, em seu livro Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, pretende-se traçar um paralelo entre os dois escritos para estudar esse tipo de representação da sociedade através do cinema de ficção científica. O filme Blade Runner (1982), do diretor Ridley Scott, servirá como estudo de caso para a explanação teórica. A questão levantada por Becker de que os desviantes sociais eram considerados portadores de problemas patológicos segundo a sabedoria convencional, e de que na verdade, ao contrário disso, eles eram parte de um sistema de relações sociais muito mais complicado pode ser refletido na questão da formação da cibernética e da posição social dos androides dentro de Blade Runner e do cinema de ficção científica. A relação entre os estabelecidos e os outsiders estrangeiros concebida por Elias e por John L. Scotson também tem a capacidade de refletir o deslocamento da criminalidade e da rejeição perpetuada no contexto virtual e real, dentro e fora da ficção científica. Utilizando-nos desse embasamento teórico e refletindo através do filme escolhido, pode-se traçar um paralelo entre uma sociedade futurista onde a criminalidade é construída através da rejeição e do afastamento dos androides “replicantes” da sociedade, sendo postos de lado como outsiders e perseguidos quando não se comportam dentro dos arquétipos sociais que devem ostentar; e a sociedade atual onde os outsiders são ainda construídos através de regras sociais que regem o que é ser “normal” ou não.

Palavras-chave

Cinema; Blade Runner; Outsiders; Androide; Ficção científica

Abstract

Analyzing the theory of Outsiders addressed by the sociologist Howard Becker through his book Outsiders – studies in the sociology of deviance and also sociologist Norbert Elias, in his book The Established and the Outsiders: a sociological enquiry into community problems, it is intended to draw a parallel between the two writings to study this type of representation by the science fiction cinema. The film Blade Runner (1982), directed by Ridley Scott, will serve as a case study for theoretical explanation. The question raised by Becker that the deviant social were considered carriers of disease according to conventional wisdom, and that in fact, contrary to this, they were part of a system of social relations much more complicated can be reflected in the issue of the formation of the cybernetics and social position of the androids in Blade Runner and science fiction cinema. The relationship between established and outsiders foreigners conceived by Elias and John L. Scotson also has the ability to reflect the displacement of crime and rejection perpetuated in the virtual context and real, in and out of science fiction. Using this in theoretical and reflecting through the film chosen, can draw a parallel between the futuristic society where crime is constructed through the rejection and removal androids “replicants” of society, being sidelined and persecuted as outsiders when they do not behave within the social archetypes that must bear, and the current society where outsiders are still constructed by social rules governing what is to be “normal” or not.

Key-words

Film; Blade Runner; Outsiders; Android; Science Fiction

A trama de *Blade Runner* se passa no ano de 2019, onde a engenharia genética já alcançou níveis de perfeição na recriação de todo tipo de animal e do homem, com o modelo de androide Nexus-6, tão inteligente e capaz do que qualquer humano. Os androides, chamados de replicantes, são utilizados como escravos na exploração do espaço, e por saírem do controle são completamente banidos do planeta Terra, sendo caçados quando desrespeitam a regra pelo esquadrão especial da polícia: os *blade runners*. O *blade runner* Deckard, é incumbido, a contragosto, de caçar quatro replicantes que após sequestrar uma nave no espaço chegaram a Terra e estão à solta. Durante a sua jornada, ele encontra Rachael, uma androide que sofreu implantes de memória e se aproxima mais ainda da forma humana. Deckard consegue “aposentar” (termo usado para as mortes dos replicantes) o grupo ao qual ele procura, no entanto, se apaixona por Rachael e foge com ela, por ela ser procurada pela polícia.

O filme de Ridley Scott se tornou ao longo dos anos o que se chama de *cult movie*, agregando uma multidão de fãs que se inspiram e retomam frases e passagens da história. Tanto é a obsessão pela trama que vários cortes de diferentes durações já foram lançados.

Blade Runner acabou representando uma interessante experiência de filme lucrativo a longo prazo (não só financeiramente mas em termos de crítica, acadêmica e especializada). Embora tenha fracassado na época da sua estreia, *Blade Runner* sofreu uma intensa redescoberta impulsionada pelas tecnologias ascendentes da TV a cabo, videocassete e DVD. Também ganhou frequentes reexibições em cinemas alternativos e cineclubes e, no meio acadêmico, tornou-se um dos filmes mais pesquisados ou citados de todos os tempos. (SUPPIA, 2011, p. 29)

A história subverte e hibridiza gêneros bem estruturados do cinema como a ficção científica, o *thriller*, o policial e filme noir. De acordo com o que venho me atentando e analisando dentro da minha pesquisa sobre gêneros cinematográficos, o filme de Scott se apresenta como um bom campo de análise.

É bastante comum dentro do gênero de ficção científica encontrarmos personagens que sejam, ou que pelo menos se enquadrem de alguma maneira, em um caráter desviante. Talvez por tratar de períodos históricos pós-apocalípticos onde conceitos de regras e estruturação social estejam um pouco desgastados ou não usados; talvez por apresentar personagens esféricos e que se apresentam como anti-heróis; talvez por se tratarem de enredos que questionem realmente a instituição de regras. O que podemos analisar é o quanto esse tipo de comportamento é presente nesse gênero cinematográfico e como ele se comporta de maneira peculiar.

Entendendo que o desvio e *outsider* advêm de uma perspectiva social antiga podemos começar a situar nosso estudo em uma tomada de consciência da arte em voltar o olhar para uma questão de cunho sociológico. Marcuse nos explica que a arte é ela própria ideologia e que ela tem sua própria dimensão carregada de caracteres e signos próprios, independentes de outra qualquer disciplina, a chamada arte autônoma. No entanto, a arte tem bastante influência na relação espectador-mundo,

“a ficção cria a sua própria realidade que permanece válida mesmo quando negada pela realidade estabelecida.” (MARCUSE, 2007, p. 32). Com esse tipo de embate o indivíduo deve romper com o mundo que o aliena, através da arte, que o faz perceber a realidade que o rodeia.

Traçando outro caminho nessa questão de representação e absorção do que é narrado, entramos em entendimentos da narrativa em si. O cinema por ser uma arte representativa, como a literatura, nos transporta a um mundo criado e cunhado para se desenvolver uma história. Apesar do que Tzvetan Todorov nos escreve em sua análise *Introdução à Literatura Fantástica*, tendemos a acreditar que essa relação não é intrinsecamente fechada e hermética, há ressonância do “mundo” na ficção e reflexos da ficção no “mundo”.

O texto literário não entra em uma relação referencial com o “mundo”, como fazem frequentemente as frases do nosso cotidiano, não é ele “representativo” de outra coisa senão de si mesmo. [...] A literatura é criada a partir da literatura, não a partir da realidade. (TODOROV, 2010, p. 14)

O que Todorov tende a nos dizer vai muito de encontro com Marcuse, de que a arte tem suas próprias artimanhas e caminhos para se montar e desmontar o quanto for necessário, se referindo a ela mesma e criando espaços e tempos irrealis. As concepções estéticas e de escolha literária e por conseguinte ao que estamos estudando, cinematográficas, são livres e encontradas dentro da própria arte em questão. Acredito, porém, que questões sociais como o desvio são abordadas espelhadas em contradições e vivências reais. O tema, que nos interessa nesse estudo, advém muito propriamente da sociedade em questão. Northrop Frye analisa como que vários tipos de gêneros narrativos se relacionam com a sociedade e com a questão da posição social do personagem e da trama. Ele cria diversas categorias onde podemos encaixar a grande maioria das narrativas já concebidas pela humanidade. Muito me atrai sua concepção do modo imitativo baixo.

Não sendo superior aos outros homens e seu meio, o herói é um de nós: reagimos a um senso de humanidade comum, e pedimos ao poeta os mesmos cânones de probabilidade que notamos em nossa experiência comum. Isso nos dá o herói do modo *imitativo baixo* (grifo do autor), da maior parte da comédia e da ficção realística. (FRYE, 1973, p. 40)

De fato, reconheço como sérios candidatos à carreira de desviante (a qual irei me aprofundar daqui a pouco) heróis que compartilhem as características do modo imitativo baixo proposto por Frye. A possibilidade de ser um homem comum, que não tem poderes, moral e nem sabedoria dignas de uma superioridade quase deífica aproxima o personagem dos tormentos e tentações da nossa realidade. Tanto é válida essa classificação que, segundo o próprio Frye, a ideia de herói para de existir, trazendo assim uma perspectiva de anti-heroísmo e de personagens dúbios e cheios de lacunas emocionais.

No entanto, ao analisarmos como a ficção científica se comporta nos deparamos com mais questões a serem postas na mesa. Segundo Frye, a ficção científica projeta um mundo acima de nós, um cenário tecnologicamente miraculoso, o que exigiria um herói romanesco, humano, mas capaz de fatos grandiosos, podendo estar inserido num contexto maravilhoso, aquele no qual não se pode explicar com leis presentes na nossa natureza. Todorov vai ainda mais fundo e reclassifica a ficção científica dentro do maravilhoso científico.

Aqui, o sobrenatural é explicado de uma maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece. [...] A *science-fiction* atual, quando não desliza para a alegoria, obedece ao mesmo mecanismo. São narrativas em que, a partir de premissas irracionais, os fatos se encadeiam de uma maneira perfeitamente lógica. (TODOROV, 2010, P. 63)

Nesse sentido, é viável pensarmos que o que está sendo abordado na ficção científica de hoje pode ser descoberto e explicado pela ciência do futuro. A engenharia genética, no caso de *Blade Runner* já é realidade e o sonho da criação de seres humanos é real, podendo se tornar fato em algum futuro próximo ou longínquo. Desse modo podemos encarar o filme de forma um pouco mais realista e lógica, e encaixar nosso personagem, Deckard, no preceito do homem comum, sujeito a ser encarado como um desviante ou um estabelecido.

Começamos então a analisar a questão *outsider* presente em *Blade Runner*. Os replicantes foram criados pelos próprios seres humanos a fim de lhes servirem de escravos em tarefas que começam a ficar de lado pelos humanos, como a satisfação sexual, no caso prostituição, e na guerra. Tudo corre bem até que os replicantes mais avançados, muito semelhantes em inteligência e força a nós se rebelam e começam a não obedecer mais ordens. Nesse momento, os androides se tornam *outsiders* e não são mais permitidos no planeta Terra, sendo caçados quando quebram essa barreira. Howard Becker nos explica que para uma situação se transformar em regra e ser proibida é necessário dois vértices: os criadores dessas regras e os impositores, os dois podem ser definidos como empreendedores morais. “O mais típico é que as regras sejam impostas somente quando algo provoca sua imposição. A imposição, portanto, requer explicação.” (BECKER, 2008, p. 129). Os criadores de regras estão preocupados em sanar o mal do mundo criando novas regras; por vezes hipócritas, por vezes humanistas, suas preocupações estão mais nos fins do que nos meios. Quando a nova regra já está institucionalizada é preciso criar órgãos de fiscalização do cumprimento dessas novas leis, é onde surge o impositor. “O impositor, portanto, pode não estar interessado no conteúdo da regra como tal, mas somente no fato de que a existência de tal regra lhe fornece um emprego, uma profissão e uma *raison d'être*.” (BECKER, 2008, p. 161).

Fica claro para nós que a autoridade presente no filme teve que criar uma regra (a proibição da presença dos replicantes) no intuito de controlar a situação, e por consequência criou uma categoria dentro da força impositora da polícia (os *blade runners*). Deckard é um desses *blade runners* e desempenha muito bem sua função, no entanto quando se depara com Rachael, que por ter um melhoramento composto com

memórias, se aproxima ainda mais dos humanos, ele se apaixona e começa a duvidar do seu dever de aplicar as regras. “Os impositores, portanto, respondendo às pressões de sua própria situação de trabalho, aplicam regras e criam *outsiders* de maneira seletiva.” (BECKER, 2008, p. 166). Isso acontece em nossa sociedade quando aos olhos da força impositora, alguns são *outsiders* e outros não, casos recorrentes de preconceito social e racial nos exemplificam, retornaremos com mais calma nesse assunto depois. Deckard então percebe que Rachael não é uma replicante digna de ser morta e foge com ela. O último diálogo dele com o replicante Roy, que está morrendo por conta de sua expectativa de vida de quatro anos expirar, sinaliza uma reflexão sobre o conceito de mal e de bem e como os replicantes só lutavam para poder viver mais.

O *outsider*, ao se enxergar desviante e relegado da sociedade tanto juridicamente (desrespeitando leis) quanto moralmente (desrespeitando convenções e tradições), têm basicamente duas alternativas: ou abandona o ato desviante e volta ao *status quo*, ou se torna realmente *outsider* e engendra uma “carreira” desviante. Becker analisa duas carreiras desviantes em seu estudo, a dos usuários de maconha e dos músicos de casa noturna, nas duas e em várias outras algumas regras são necessárias. O primeiro ato desviante, por vezes, pode ter sido cometido sem que a pessoa perceba e a “carreira” dessa pessoa dentro do grupo pode ter início com a curiosidade em praticar tal ato. As “organizações desviantes” condenam a moral convencional e seus trâmites. Os mais velhos fazem trocas com os mais novos ensinando-os a melhor maneira de cometer o desvio e auto-justificando seus atos. No grupo de replicantes que é caçado por Deckard, Roy é claramente o líder, e é ele quem ampara e guia os atos dos androides mais jovens.

A rotulação como desviante, obviamente, não transforma alguém em desviante, mas é importante no sentido de afastar o *outsider* de comportamentos estritamente “normais”. A relação entre o ato desviante e o dever de puni-lo é controverso, por se apoiar em dois sistemas diferentes de visão do problema, desníveis causados pela diferença moral e emocional dos homens; para alguns o ato desviante é errado e para outros o ato pode não ser nem errado, nem desviante. Ao estudar o desvio, para Becker, deve-se tomar cuidado ao vangloriar ou repudiar um dos dois lados envolvidos. Na verdade, a questão moral pode estar presente, mas de forma apenas ilustrativa, deve-se analisar o desvio como algo que agrada alguns e irrita outros. Becker nos situa diante de perspectivas onde o ato desviante está ligado a uma ação coletiva e não a comportamentos individuais.

Essas observações, por si sós, lançam dúvida sobre teorias que procuram as origens de atos desviantes na psicologia individual, pois teríamos de postular um encontro miraculoso de formas individuais de patologia para explicar as formas complicadas de atividade coletiva que observamos. [...] Quando encaramos o desvio como ação coletiva, vemos imediatamente que as pessoas agem atentas às reações de outros envolvidos nessa ação. Elas levam em conta o modo como seus companheiros avaliarão o que fazem, e como essa avaliação afetará seu prestígio e sua posição. (BECKER, 2008, p. 184)

Os replicantes por já terem alcançado níveis de inteligência igual ao dos homens e o nível emocional já sendo desenvolvido¹, não se parecem mais tanto com robôs e ao se tornarem mais humanos, podem desenvolver aspectos sociais e se enquadrarem ainda mais nessa proposição sociológica de Becker.

Veremos que as pessoas que se envolvem em atos convencionalmente considerados desviantes não são motivadas por forças misteriosas, incognoscíveis. Elas fazem o que fazem mais ou menos pelas mesmas razões que justificam as atividades mais comuns. Veremos que regras sociais, longe de serem fixas e imutáveis, são continuamente reconstruídas em cada situação, para que se ajustem à conveniência, à vontade e à posição de poder de vários participantes. Veremos que atividades consideradas desviantes exigem muitas vezes redes elaboradas de cooperação que dificilmente poderiam ser sustentadas por pessoas que sofressem de dificuldades mentais incapacitantes. (BECKER, 2008, p. 192)

Ao desmitificar dessa maneira o ato desviante, Becker retira da psicologia e da psiquiatria o dever de dar uma explicação e uma solução aos *outsiders*. No caso de *Blade Runner*, os androides não são mais meras peças de diversão e de exploração do trabalho dos humanos, eles agora criam uma intrincada rede social em que desafiam as normas vigentes e se encarnam como desviantes. Deckard, ao se recusar a cumprir seu dever como impositor da regra, se apaixonar e fugir com a replicante Rachael, se torna então um *outsider*?

Para responder essa pergunta lançaremos mão de outro olhar sobre os atos desviantes, os conceitos desenvolvidos por Norbert Elias e John L. Scotson. Ao analisar uma pequena comunidade em um bairro industrial, os autores notaram e começaram a desbravar situações que levavam um grupo a se considerar estabelecidos perante um outro grupo que é considerado *outsider*. A instituição dessa ordem social se dá através de diversos fatores, os mais importantes são de coesão social. Um grupo é considerado por eles mesmos como estabelecidos por terem tradição, influência, autoridade, identidade social construída e um “alto” valor humano. Os *outsiders*, são caracterizados como um grupo difuso, heterogêneo, com laços sociais menos intensos e um “baixo” valor humano. A maioria dessas características dos *outsiders* são determinados pelo *establishment* a fim de uma estruturá-los como uma aura de menor valor e inculcar essa ideia na mentalidade social dos diferentes.

É dessa situação que nasce a ideia de preconceito, tão difundida nas relações de estigmatização entre o grupo estabelecido e um grupo *outsider*. A relação se baseia logicamente na diferença, mas a questão pode estar muito mais profunda do que em um esquema étnico e racial. O preconceito advém de uma conjunção social bem desenvolvida, não apenas de considerações individuais.

1 No exemplo de Rachael, que tem um implante de memórias presente, em que suas lembranças são na verdade lembranças da sobrinha de seu criador Tyrell. E no exemplo do diálogo entre Roy e Deckard, em que se nota que o replicante começa a desenvolver traços emocionais ao questionar a morte e como recebê-la.

Em Winston Parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo. Portanto, perde-se a chave do problema que costuma ser discutido em categorias como a de “preconceito social” quando ela é exclusivamente buscada na estrutura de personalidade dos indivíduos. [...] Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23)

Para os autores, a diferença étnica ou de raça não está ligada ao cerne da questão.

Não há nada de acidental em se descobrirem aspectos semelhantes nas relações estabelecidos-*outsiders* que não estão vinculadas a diferenças raciais ou étnicas e naquelas ligadas a essas diferenças. Os indícios sugerem que, também neste último caso, tais aspectos não se devem às diferenças raciais ou étnicas em si, mas ao fato de um dos grupos ser estabelecido, dotado de recursos superiores de poder, enquanto o outro é um grupo *outsider*, imensamente inferior em termos do seu diferencial de poder e contra o qual o grupo estabelecido pode cerrar fileiras. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 31)

Dessa maneira, o poder e o status social contam mais para uma possível posição do grupo. O próprio exemplo estudado pelos autores não apresenta diferenciação étnica, racial, religiosa ou econômica. O grupo dominante só era dominante por estar instalado no local mais tempo e ostentar lugares de liderança e poder a mais do que os *outsiders* chegados a pouco. Os replicantes em *Blade Runner* não tinham um grupo coeso e não mantinham posições sociais privilegiadas, o que fazia deles, apesar de estarem em um nível intelectual parecido com os humanos, um grupo de *outsiders*.

A pobreza e a miséria são a mais provável e corrente estigmatização que transforma em *outsider*. Se ver como excluído e aceitar essa posição torna mais fácil o trabalho de colocação num nível social mais baixo. “A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. [...] Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, pp. 27-30). Os autores citam exemplos válidos como os burakumim no Japão e os intocáveis na Índia, como grupos *outsiders* que aceitam suas posições de párias. A relação, no entanto, é de dupla via, os estabelecidos necessitam dos *outsiders* para realizarem serviços que não estão dispostos a fazer, relacionados com a morte ou com o lixo, por exemplo; e os *outsiders* necessitam dos estabelecidos para manter o mínimo de importância social. Vale a pena lembrar que os androides de *Blade Runner* eram usados como escravos pelos humanos. Essa relação tanto pode se manter estável

(quando a ordem dominante não é atingida) ou em conflito (quando os *outsiders* obtêm mais poder e questionam sua posição), exatamente o que acontece no filme.

O carisma do grupo dominante é mantido através da obediência de seus membros a regras e costumes sociais já instituídos. Os grupos *outsiders* não observam essas regras e restrições. “A opinião interna de qualquer grupo com alto grau de coesão tem uma profunda influência em seus membros, como força reguladora de seus sentimentos e sua conduta.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 39). O contato de um estabelecido com um *outsider* pode significar que ele não mais respeita essas tradições e pode não ser mais incluído nesse status dominante. Deckard, portanto, ao se negar a “aposentar” Rachael e fugir com ele acaba se tornando aos olhos da sociedade dominante um *outsider*, que será perseguido e julgado como um replicante.

A ideia de pertencimento a qualquer grupo está ligada diretamente a absorção de conceitos do “nós” para o “eu”, ou seja, subvertendo posições e entendendo que consciência e vontade não são artifícios puramente individuais.

A autoimagem e a autoestima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele. [...] A visão, hoje muito difundida, de que um indivíduo mentalmente sadio pode tornar-se independente da opinião do “nós” [*we-group*] e, nesse sentido, ser absolutamente autônomo, é tão enganosa quanto a visão inversa, que reza que sua autonomia pode desaparecer por completo numa coletividade de robôs. É isso que se pretende dizer quando se fala da elasticidade dos vínculos que unem a autorregulação da pessoa às pressões reguladoras do “nós”. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 40)

Após detalharmos diversos conceitos e estruturas referentes à relação *outsiders*-estabelecidos-sociedade, podemos tirar certas conclusões. O filme *Blade Runner* é um exemplar de ficção científica que exemplifica muito bem uma sociedade pós-apocalíptica ainda baseada em situações regulares da sociedade atual. As posições bem demarcadas de grupo dominante e grupo *outsider*, a regulação dos atos e perseguição aos infratores se dá de forma muito semelhante aos moldes atuais de repressão social. Apesar de a trama se passar num futuro onde mudanças muito drásticas na forma de vida no planeta ocorreram, os mesmos modelos de controle social são empregados. O que podemos apontar como possível mudança é a classe *outsider* ser composta por androides criados pela avançada engenharia genética, substituindo grupos de párias existentes nos dias de hoje.

A cibernética e a engenharia genética criaram através de seus avanços notáveis, uma nova classe social que consegue superar seus atributos puramente robóticos e constituir intrincadas relações intra e intergrupais. No intuito de criar androides cada vez mais poderosos, sua inteligência foi desenvolvida a um ponto que as diferenças entre humanos e suas crias foi reduzida a quase zero, concluindo que os androides seriam capazes nesse momento de criar laços sociais. Como ressalta Becker, na concepção sociológica o desvio é a infração de uma regra geralmente aceita, no entanto é a sociedade que cria o desvio, ao criar regras cuja infração constitui um

desvio. É um movimento cíclico, que aparentemente não se modifica na sociedade retratada em *Blade Runner*.

Por fim, *Blade Runner* traça uma análise muito sofisticada sobre aspectos sociais comuns a um futuro pouco respeitoso com o planeta e os seres humanos e o nosso presente, castigado pelas mesmas características humanas egoístas, hipócritas e inconsequentes. Além desse olhar incisivo sobre nossos costumes, Ridley Scott constrói uma narrativa de ficção científica que exemplifica e nos põe em xeque sobre a perspectiva dos *outsiders* como recurso estilístico dentro do gênero cinematográfico. Possivelmente antes e depois de *Blade Runner* esse recurso narrativo tenha sido exaustivamente utilizado, porém acredito que no filme estudado o desvio e o lugar dos *outsiders* tenha sido repensado de forma singular.

Referências bibliográficas

SUPPIA, Alfredo. **A metrópole replicante: construindo um diálogo entre Metrópolis e Blade Runner**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 2007

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973